

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Popular Class.: Karajá 389
 Data 01/08/93 Pg.: _____

Tradições e lendas dos Karajá

Manter viva a língua Karajá e assim suas tradições e lendas. Esta é a proposta do Projeto Etno-Linguístico Karajá de Aruaná, que começa a ser desenvolvido este semestre pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGAP), da Universidade Católica de Goiás, e cujo público alvo são as crianças de até 12 anos da aldeia da cidade de Aruaná. O trabalho vai envolver os índios mais velhos que ainda falam a língua materna, monitores bilíngues, coordenadores educacionais da Funai, antropólogos e linguistas da Universidade. "Nossa intenção é, principalmente, preservar o aspecto mágico-cosmológico da língua, que é uma forma de manter vivas as tradições que constituem parte fundamental de sua identidade", explica o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, 32 anos, coordenador do projeto.

O processo de resgate da língua Karajá será fundamentado em uma descrição linguística da professora Maria Porto, da Universidade Federal de Goiás, uma espécie de gramática normativa dessa nação indígena. Monitores bilíngues que já trabalham o Karajá na aldeia de Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal (TO), irão auxiliar no trabalho em Aruaná e, finalmente, os índios mais velhos complementarão as etapas do projeto. Serão utilizados, textos, fitas cassetes, cartilhas do Smithsonian Institution, de Washington D.C (EUA), e que foram reduzidos especialmente com este objetivo. Para a primeira etapa, a entidade de Companheiros da América, dos Estados Unidos, já liberou US\$ 2 mil que financiarão o material didático.

Segundo Ferreira Filho, o principal motivo do projeto é o rápido processo de aculturação dos Karajá de Aruaná. Como esta cidade foi fundada junto à aldeia, com o passar do

tempo, índios e brancos se misturaram e a área de moradia dos primeiros acabou sendo reduzida de onze para um hectare. Este contato com a sociedade nacional influenciou sobretudo os mais novos e uma das primeiras coisas atingidas por esta identidade mista é exatamente a língua oral. "Eles são fascinados pelas novidades tecnológicas e os mais jovens querem beber e namorar como os brancos de sua idade", diz Ferreira Filho.

Soma-se a isso, o reduzido número de índios, cerca de 50 pessoas, sendo a metade crianças. "No final das contas, apesar de entenderem, eles têm vergonha de falar a língua materna", acrescenta o antropólogo. A tradição dos Karajá determina modos diferentes de falar para o homem e a mulher. Em geral, o final das palavras é pronunciado distintamente, sendo que, no caso feminino, as palavras são maiores. Aproximadamente 12 anos, ou o início da puberdade, um menino por exemplo, fala do jeito da mãe; depois será obrigado a falar como o pai. "Nós temos muita esperança de que as crianças falem a língua, mas sua resistência pode ajudar a manter sua identidade", explica Ferreira Filho. Para ele, o melhor acréscimo a este projeto seria uma visita dos Karajá de Aruaná aos co-irmãos de Santa Isabel do Morro, onde as tradições desta nação ainda são mantidas. "Ali, eles poderiam ver alguns dos rituais que já desapareceram em Aruaná, como a festa do Jeto Jokey (Casa Grande), o rito de iniciação masculina, e quem sabe, voltar a promovê-los", afirma.